

A IDEIA DE DEUS A PARTIR DA HERMENÊUTICA NIILISTA: uma leitura de Vattimo

Francisco Ramon Rodrigues da Silva¹
César Augusto Danelli Júnior²

RESUMO: Este artigo tem como escopo a análise da obra *Acreditar em Acreditar* de Gianni Vattimo e *Después de la Muerte de Dios* de Gianni Vattimo e John D. Caputo. Trata-se de uma nova perspectiva de uma visão de Deus, analisando sua histórica presença no Ocidente, como também, a forma pela qual Deus é (foi) visto, buscando, ademais, uma nova ideia de Deus a partir da dissolução do sagrado, da kenosis, utilizando-se para isso de uma visão secularizada do ser e do fim da metafísica e dos fundamentos basilares de uma verdade. Este trabalho não tem como finalidade aniquilar Deus em si, mas, interpretá-lo sob uma ótica hermenêutica niilista, baseando-se nos pensamentos de Gianni Vattimo para tal. É necessário também salientar a influência de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger na obra vattimiana, o que contribuiu para a formulação de seus pensamentos.

Palavras-chave: Deus. Hermenêutica Niilista. Secularização. Sagrado. Metafísica.

ABSTRACT: This article has as scope the analysis of the work *Believe in believing* of Gianni Vattimo and *After the Death of God* of Gianni Vattimo and John D. Caputo. It's a new perspective of a vision of God, analyzing his historic presence in the west, as also, the way that God is (was) seen, looking for, furthermore, a new idea of God from the dissolution of sacred, of kenosis, by using a secularized view of being and the end of metaphysics and the basics foundations of a truth. This work is not intended to annihilate God himself, but to interpret him under a nihilistic hermeneutic view, based on the thoughts of Gianni Vattimo for such. It is also necessary to emphasize the influence of Friedrich Nietzsche and Martin Heidegger on Vattimian's work, which contributed to the formulation of his thoughts.

Keywords: God. Nihilistic Hermeneutic. Secularization. Sacred. Metaphysics.

INTRODUÇÃO

Gianni Vattimo³ (1998) inicia sua obra afirmando que o *ressurgimento* pelo interesse religioso no meio em que ele vivia, naquele determinado período⁴, foi um dos

¹ Graduando em Direito pela Faculdade de Balsas (UNIBALSAS). E-mail: ramongishdavis@gmail.com

² Professor Orientador – Faculdade Balsas (Unibalsas). Doutorando em Educação nas Ciências. Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ (2017).

³ Nasceu em 04 de janeiro de 1936 em Turim, na Itália. Foi aluno de Luigi Pareyson. Graduiu-se em filosofia em 1959. Especializou-se em Heidelberg com Karl Löwith e Hans-Georg Gadamer, cuja obra traduziu para o italiano. Em 1964 tornou-se professor de estética na Universidade de Turim e em 1982 de filosofia teórica. Foi professor visitante em várias universidades americanas. (PEREZ, Léa Freitas. *Acreditar em Acreditar* com Gianni Vattimo. *Numen*. V. 15, n. 1, p. 192-193)

⁴ Período este do papado de João Paulo II, marcado pelo fundamentalismo da Igreja e pelo apelo midiático

motivos que o levou a concepção da obra *Acreditar em Acreditar*⁵, mas não se limitando exclusivamente ao seu avivamento religioso. Vattimo (1998) esclarece logo em seguida que esse *ressurgir* da sensibilidade religiosa, que ele sente em seu entorno, provavelmente sentido por sua arguta observação, é imprecisa e indefinível. Seria teoricamente, de fato, impreciso e indefinível sentir um ressurgimento religioso, pois como seria possível a um ser humano ter tal característica já que não possuímos um olfato tão desenvolvido, como de alguns animais, que nos proporcionaria aspirar determinadas substâncias liberadas pelo nosso organismo e mesmo que o fosse possível, é o sentimento religioso fisiologicamente sentido por nós?

A religião cristã é um fio condutor da história do ocidente, como exorta Vattimo (1998), e denegar este papel é uma forma de tentar reescrever a história tangenciando sua visão mais próxima de uma verdade fatural, haja vista que durante todo esse período ela exerceu demasiada influência nos rumos do avanço civilizacional, seja pelas intempéries ou pelas 'benesses' advindas de sua atuação como Igreja Católica. Desde o surgimento da Igreja Católica até a sua solidificação, esta exerceu e representou na terra a vontade de Deus, de acordo com a visão de seus representantes. Com base nisso e na dominação do monopólio da ideia de Deus a Igreja pôde construir e alicerçar em seus seguidores a ideia de Deus que lhes fosse mais pertinente naquele momento histórico e nos subsequentes.

Neste artigo é proposta uma reflexão acerca da ideia de Deus e uma nova visão com base na hermenêutica niilista e no processo evolutivo civilizacional, tendo-se em consideração a secularização, a kenosis e uma revisão das interpretações adotadas e impostas em relação ao Deus cristão. O presente trabalho foi organizado em 03 (três) tópicos. O primeiro tópico diz respeito da morte de Deus anunciada por Nietzsche, como também de seu avivamento. O segundo tópico engloba a importância da herança cristã e é explanado a ideia do pensamento débil, proposto por Gianni Vattimo. O terceiro tópico é direcionado ao fim da metafísica e da ideia de Deus com base na hermenêutica niilista e

da figura papal, como explicita Vattimo e pelo autoritarismo da Igreja Católica ainda no papado de João Paulo II que para Vattimo, "está ligado à metafísica: não só a uma metafísica determinada, aquela que impregna toda a tradição ocidental na forma do aristotelismo repensado por São Tomás, mas também à metafísica no sentido heideggeriano, à ideia de que existe uma verdade objectiva do ser que uma vez conhecida (através da razão iluminada pela fé) se converte na base estável de um ensinamento dogmático e, sobretudo, moral que pretende fundar-se sobre a natureza eterna das coisas." (1998, p. 42)

⁵ *Credere di Credere*, no italiano, publicado originalmente em 1996 pela Garzanti Editore.

da influência de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger.

A MORTE DE DEUS E O SEU FORTALECIMENTO

A união proposta por Vattimo de um niilismo e de uma concepção de Deus, por mais paradoxal que o pareça ser não o é. A morte de Deus anunciada por Nietzsche é para Vattimo a morte do Deus metafísico não do Deus em si, pois o que morre de fato é o fundamento absoluto do Deus metafísico, um Deus primitivo, violento e sanguinário. Tem-se então a ruptura, por assim dizê-lo, nesse momento, com a metafísica⁶, pois o Deus transcendente morreu e foi limado de suas facetas que o diferiam do ser humano, seu subalterno e inferior. Com a morte do fundamento que assegurava a perpetuidade da noção do Deus metafísico, seguido pela Igreja católica, não temos, utilizando de uma das várias vias interpretativas e reforçando a visão de Vattimo, a declaração de um ateísmo, mas o contrário. Parece-nos, não obstante, deveras contraditório o fato de ser anunciada a morte de Deus, mas, tampouco, não é um período de benfeitoria ou apogeu do ateísmo, pois o que se tem é uma ressolidificação da ideia de Deus, já que:

Puesto que la humanidad comenzó a creer em Dios, también comenzó a tener reglas. Lãs reglas organizaron una suerte de sociedad racional que devino outra fuente de seguridad en este mundo. La ciência y la tecnología se desarrollaron también de este modo. Y, de esta manera, a partir de cierto momento, Dios dejó de ser una necesidad. [...]. La humanidad descubrió también que Dios era una mentira. Y si Dios les há ordenado no mentir, Dios se niega a sí mismo. La idea es que, en condiciones civilizadas, no necesitamos más esa garantía de seguridad. (VATTIMO, 2010, p. 138).

Dessa forma, quando há a quebra dos fundamentos que asseguram absolutismos, temos, na verdade, algo que fortalece ainda mais a concepção de Deus, uma vez que se outras ideias pilares que fortaleciam visões que levavam ao distanciamento de Deus tornam-se irrisórias, há na contramão um enfraquecimento geral de dogmatismos que por sua vez poderiam culminar na morte em si da religião. Destarte, isto é possível, devido a nossa atual sociedade pós-moderna e de mídia generalizada, onde tudo é

⁶ Etimologicamente *metaphysica*, do grego *tà metaphysiká*, que é formada do grego *tà metà tà physikà* 'os. (DICIONÁRIO HOUISS, p. 1907)

efêmero, como aponta Bauman (1998). Ademais, acrescenta Ferreira, “as questões da morte de Deus e do fim da metafísica acenam para o enfraquecimento do Deus como fundamento”, como fundamento basilar da unicidade de uma verdade em sua única versão e sem possibilidade de ser revista, “e também para a perda da pretensão de se possuir a verdade em sua totalidade, como parece ser a busca de toda a história da metafísica”, e aí nos deparamos com o cisma entre a morte do Deus metafísico e o surgimento de um novo Deus apartado daquela visão historicista criada e enraizada pelos metafísicos, em adendo, complementa que “isso, de fato, marca o que pode ser chamado de passagem do moderno para o pós-moderno.” (2011, p. 63). Quando se tem a morte das certezas que perpetram a divindade de Deus, mas também se tem a morte das certezas que fortalecem, por exemplo, o ateísmo, deixa-se de lado o medo pela morte do sagrado, em razão de que aquilo que antes “ameaçava” a sua existência fora também enfraquecida na pós-modernidade, refletindo assim, um período onde o fator midiático é mais importante do que as coisas em si, isto devido ao fato de que se tem mais interesse pelo alvoroço que pelas razões que o podem acarretá-lo. Vattimo põe como uma verdade que:

O <<fim da modernidade>>, ou, em todo o caso, a sua crise, trouxe também consigo a dissolução das principais teorias filosóficas que julgavam ter liquidado a religião: o cientismo positivista, o historicismo hegeliano e depois marxista. Hoje já não existem razões filosóficas plausíveis e fortes para ser-se ateu, ou para recusar a religião. (VATTIMO, 1998, p. 17).

A pós-modernidade tem como uma das principais características a efemeridade, onde nada mais é sólido, sendo que os fundamentos gerais tornaram-se líquidos. Essa concepção de modernidade líquida foi posta por Zygmunt Bauman. Então, Vattimo (1998) põe que a crise da modernidade, de certa maneira, reaviva Deus e a fé por ele.

A DUALIDADE DE DEUS

No momento em que corroboro com a visão Vattimiana dessa dualidade de Deus, esta não é relacionada com a concepção de duas divindades cristãs, mas sim, de apenas uma, sendo que neste caso uma é a do Deus morto anunciado por Nietzsche, — ressalta-se que

Nietzsche declarou a morte de Deus num sentido metafísico, não literal, como aponta Vattimo, haja vista que ele não se assumiu detentor de verdades absolutas o que é justamente o oposto — e a outra é a do novo Deus encarnado que é o Deus que rompe com a tradição metafísica. Há também uma mudança de uma nova perspectiva do ser, numa visão heideggeriana, já que se tem a recusa da metafísica posto que a metafísica da objectividade pode ser resumida num pensamento que identifica a verdade do ser com a caculabilidade, mensurabilidade e, em definitivo, manipulabilidade do objecto da ciência-técnica. Ora, nesta concepção de ser como objecto mensurável e manipulável escondem-se as bases daquilo a que Adorno chamará o mundo da <<organização total>>, no qual também o sujeito humano tenderá fatalmente a tornar-se puro material, parte da engrenagem geral da produção e do consumo. (VATTIMO, 1998, p. 20)

Com base nessa crítica da metafísica, “Heidegger constrói uma filosofia que se esforça por pensar o ser em termos distintos dos da metafísica.” (1998, 21), pois Heidegger vislumbra o ser num aspecto diferente, já que não o vê como um ser propriamente material e por isto repropõe uma nova visão acerca. Com o advento do niilismo, “a metafísica chegou ao fim” para Heidegger, pois “o pensamento que identifica o ser como dado objectivo, com a coisa diante de mim, perante a qual não posso deixar de assumir uma atitude contemplativa, de silêncio maravilhado, etc.” (1998, 20) é inconcebível. Por conseguinte, o niilismo em que Nietzsche e Heidegger vêem o resultado e, creio, o sentido da história do Ocidente (Heidegger, de resto, insiste também na etimologia da palavra Ocidente: a terra do ocaso, do declinar do ser) não parece ser, do seu ponto de vista, um devaneio do espírito humano do qual se poderia sair com uma correcção de rota, com a descoberta de que o ser, na realidade, não é só vontade de poder mas é, também e sobretudo, outra coisa. Uma <<correção>> deste tipo, pensa Heidegger, não escaparia à armadilha da mentalidade objectivista. Quem e com que instrumentos poderia estabelecer experimentalmente que o ser não é <<produto>>, posição, objecto da vontade de poder – visto que deveria sempre estabelecer esta verdade com um procedimento cientificamente credível, através de métodos, de instrumentos e mediante cálculos? Do ponto de vista de Heidegger são também inúteis os esforços para reencontrar o ser no imediatamente vivido, ainda não confinado aos esquemas do método científico, que fugiria aos mecanismos da objectivação. (VATTIMO, 1998, p. 22). Por mais crítico que

Heidegger fosse a esta visão objetiva do ser, ele não se imputava, assim como a visão vattimiana da morte de Deus decretada por Nietzsche, o detentor da verdade⁷, apenas expunha seu criticismo em face de ideia metafísica do ser enquanto ser.

A HERANÇA CRISTÃ E O *PENSIERO DEBOLE*

Vattimo nos mostra uma herança cristã cuja importância dá-se devido a sua forte presença ao longo do caminhar do ocidente e que é preciso amplificar esta herança cristã de forma abrangente já que “diz respeito à nossa cultura em geral, a qual se tornou aquilo que é também e, sobretudo porque foi intimamente <<trabalhada>> e forjada pela mensagem cristã ou, mais genericamente, pela revelação bíblica.” (1993, p. 22). Essa herança cristã personalíssima de Vattimo é que faz surgir no filósofo a dúvida sobre este termo e uma relação com o niilismo nietzschiano-heideggeriano. Sergio Quinzio⁸ exerceu profunda influência em Vattimo enquanto propulsor do reencontro niilista do cristianismo do filósofo, apesar das divergências entre ambos. Corolário a esta influência é que surgiu em Vattimo o sentido débil que é “onde penso que a inspiração cristã mais se faz sentir na minha leitura do pensamento heideggeriano” (1998, p. 24). É daí que surge o *pensiero debole*, ou pensamento débil, que para Vattimo é:

Uma ideia do pensamento mais consciente dos seus limites, que abandona as pretensões das grandes visões metafísicas globalizantes, etc.; mas sobretudo do ser na época do fim da metafísica. Se, de facto, não se pode continuar a crítica heideggeriana à metafísica objectivista substituindo-a por uma concepção mais adequada do ser (ainda pensado, portanto, como objecto), é preciso conseguir pensar o ser como não identificado, em sentido algum, com a presença característica do objecto. (VATTIMO, 1998, p. 25)

Ferreira (2011, p. 62) exorta que o *pensiero debole* é “uma hermenêutica niilista que

⁷ De acordo com Bauman (1998, p. 143), “a noção de verdade pertence a retórica do poder. Ela não tem sentido a não ser o sentido de oposição – adquire personalidade própria somente na situação de desacordo [...]”

⁸ Sérgio Quinzio (1927 – 1996) foi um teólogo italiano. Dentre suas obras destacam-se *Cristianesimo dell'inizio e della fine* (1967), *Commento alla Bibbia* (1972) e *L'impossibile morte dell'intellettuale* (1977), dentre tantas outras.

tem como principal proposta construir um caminho para o pensamento que não mais esteja preso à necessidade de uma fundação única.” Com esse fim de um fundamento único, “que surge principalmente nas obras de Nietzsche e Heidegger”, o pensiero debole descarta a busca por uma nova fundação. Para que possamos pensar o ser enquanto não em termos metafísicos “temos que pensar que a história da metafísica é a história do ser e não apenas dos erros humanos.” (1998, p. 25). Com isso, para Vattimo, o ser apresenta uma vocação niilista, uma vez que o debilitar-se, diminuir-se, subtrair-se é um atributo “daquilo que acontece na época do fim da metafísica e da problematização da objetividade.” (1998, p. 26).

Vattimo enxerga esta interpretação do pensamento de Heidegger de ontologia débil como um reencontro de fato com o cristianismo. Isto se dá devido ao fato de que o debilitamento do ser o aproxime da transcendência de Deus, posto que é quando, por exemplo, nos deparamos com alguma doença ou morte iminente. Essa transcendência é possível condignamente ao fato de antes ter havido o rebaixamento de Deus em sua reencarnação, então temos assim uma aproximação, como dito antes, do sagrado em seu momento de subtrair-se a si mesmo com o ser humano, mostrando-nos deste modo suas verossimilhanças e o caráter peremptório do ser enquanto humano.

A IDEIA DE DEUS A PARTIR DA HERMENÊUTICA NIILISTA E DA DISSOLUÇÃO DA METAFÍSICA

No que concerne à problemática hermenêutica niilista, feita por Vattimo, está intrinsicamente ligada à influência do pensamento filosófico de Nietzsche e Heidegger e de como estes exercem grande impacto no pensamento vattimiano. A presença da “morte de Deus” e “fim da metafísica” são temas correntes na obra vattimiana, como aponta Ferreira (2011). Na perspectiva de Vattimo é necessário agora alinhar a história da metafísica com a história do ser, colocando-os como parceiros de viagem histórica, pois ambos estão ligados pelo elo histórico dos passar dos tempos. É o historicizar-se do ser e da metafísica como correlatos de uma, talvez assim definindo, unicidade atemporal. Para que se tenha uma nova ideia de Deus é preciso que haja primeiramente uma ruptura com a imagem de um Deus vitimário, de um Deus sacrificial, pois:

a teologia cristã perpetua o mecanismo vitimário concebendo Jesus Cristo como a <<vítima perfeita>>, que, com o seu sacrifício de valor infinito, como infinito é a pessoa humano-divina de Jesus, satisfaz plenamente a necessidade de justiça de Deus para o pecado de Adão. (VATTIMO, 1998, p. 28).

Essa visão para Vattimo é equivocada, uma vez que Jesus não encarnou para satisfazer a ira de seu Pai, mas sim como uma revelação que culminaria “para liquidar o nexo entre violência e o sagrado” (1998, p. 28). E é morto pelo fato de que aquela sociedade era marcada pela tradição violenta das religiões sacrificiais, o que era inconcebível para aquele povo se deparar tão abruptamente com um Deus bom, apaziguador. Há ainda propagação dessa ideia de Cristo como sacrifício pela Igreja e, isto é um atestado da forte presença de resquícios daquela religião natural baseado na violência de um Deus primitivo e sanguinário. Com base nisso que surgirá em Vattimo “a ideia da encarnação como dissolução do sagrado violento” (1998, p. 29). E é com esta dissolução que teremos a ruptura com o Deus primitivo tribal e, de certa forma, sádico que perpetrava em seus adoradores temor e pavor, sua marca crucial de sadismo. Vattimo mostra-nos duas visões de Deus possíveis. Uma está direcionada a um Deus primitivo, ligado diretamente ao passado primitivo do ser humano, onde a violência era habitual. Esse Deus primitivo, uma divindade que apesar de ter criado seus filhos, castiga-os e pune-os de formas severas, incluindo até mesmo aqueles seus filhos que seguem (seguiram) literalmente aos seus ensinamentos. O outro Deus na visão vattimiana é aquele cuja encarnação mostra-nos um Deus pós-metafísico e de características humanas. É uma reconciliação do sagrado com o ser humano, pois reflete, assim, a fraqueza de ambos, e as características que os unem. Vattimo elucida esse Deus metafísico no momento em que

Para seguir pelo caminho de um reencontro niilista do cristianismo basta ir um pouco além de Girard, admitindo que o sagrado natural é violento não só enquanto o mecanismo vitimário supõe uma divindade sedenta de vingança, mas também enquanto atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e <<transcendência>> em relação ao homem que são os atributos conferidos a Deus pelas teologias naturais, e também por aquelas que se consideram preâmbulos da fé cristã. O Deus violento de Girard é, em suma, nesta perspectiva, o Deus da metafísica, aquele a que a metafísica chamou

também o *ipsum esse subsistens*, que resume em si de forma notável todas as características do ser objectivo tal como esta o pensa. (VATTIMO, 1998, p. 29).

A *kenosis*⁹ de Deus é que propicia o teor do fim da metafísica, pois com a sua *kenosis* – que é a dissolução do sagrado enquanto onipotente, seu esvaziamento sagrado onde “morre” a metafísica, já que essas são atribuições conferidas por ela – Deus perdoou o ser humano descendo ao seu nível, comparando-se a ele. Isto, nada mais é que a revelação de um sagrado diferente, um sagrado que está disposto a compreender o ser humano com base em suas fragilidades e não mais tentando amedrontá-lo com punições divinas, pois o rebaixamento de Deus configura a aceitação do debilitamento do próprio ser em sua condição de simples criatura. Para Vattimo (1998, 30) a *kenosis* de Deus é um fato que “deverá ser interpretada como sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como traço distintivo a mesma vocação para o debilitamento de que fala a filosofia de inspiração heideggeriana.” Vattimo (1998, p. 31) esclarece também que o descobrimento do nexa entre a história¹⁰ da revelação cristã e a história do niilismo significa validar o discurso heideggeriano sobre a metafísica e o seu fim. Em adendo, manifesta-se em Vattimo:

A suspeita – que julgo fundamentada – de que toda esta retórica esteja, como já referi, profundamente ligada a uma concepção ainda metafísico-naturalista de Deus: o único grande paradoxo e escândalo da revelação cristã é, precisamente, a encarnação de Deus, a *kenosis*, isto é, a exclusão de todos aqueles aspectos transcendentais, incompreensíveis, misteriosos e, creio, também bizarros que, pelo contrário, comovem tanto os teóricos do salto na fé, e nome do qual é fácil dar lugar à defesa do autoritarismo da Igreja e de muitas das suas posições dogmáticas e morais ligadas à absolutização de doutrinas e situações historicamente contingentes e

⁹ “Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem [...]” Carta aos Filipenses, 2-7.

¹⁰ Vattimo elucida que, “história da salvação e história da interpretação estão muito mais estreitamente ligadas do que a ortodoxia católica queira admitir. Não se trata apenas do facto de que para nos salvarmos é preciso ouvir, entender e aplicar correctamente na vida o ensinamento evangélico. A salvação cumpre-se na história também através de uma interpretação cada vez mais <<verdadeira>> das Escrituras, na linha daquilo que acontece na relação entre Jesus e o Antigo Testamento: <<Ouvistes que foi dito... eu porém digo-vos...>> E sobretudo: <<Já não vos chamo servos, mas amigos>>. O fio condutor da interpretação que Jesus dá do Antigo Testamento é a nova mais intensa relação de caridade entre Deus e a humanidade e, conseqüentemente, também dos homens entre si.” (1998, p. 42).

quase sempre de facto superadas. Deveríamos todos reivindicar o direito de não sermos afastados da verdade do Evangelho em nome de um sacrifício da razão exigido unicamente por uma concepção naturalista, humana, demasiado humana e, definitivamente, não cristã, da transcendência de Deus. (VATTIMO, 1998. P. 49).

Vattimo não pretende e nem tenciona substituir “um cristianismo severo e paradoxal” (1998, p. 49) por um que seja sobremaneira de caráter mais fácil. O que o autor pretende é romper o caráter servil a Deus – proposta durante excessivo tempo pela Igreja e ainda difundido por seus representantes – por algo mais terno, de estreita relação amigável, profusamente mais inteligível. É imprescindível que o caráter absolutório da visão das escrituras seja revitalizado e passe a ter um aspecto mais moderno, pois assim o homem moderno se sentiria menos pressionado devido a toda a nuvem de pressão moral imposta. Por conseguinte, é necessário que ocorra também a secularização da subjetividade, uma vez que somente a secularização numa totalidade não seria o suficiente para readequar o ser na questão da fé. A secularização da subjetividade ajudaria o ser na sua exegese religiosa, assim, ele se afastaria dos absolutismos religiosos já pré-determinados e impregnado nos religiosos. Vattimo (1998, p. 8), alude que “nenhum de nós, na nossa cultural ocidental – e se calhar em qualquer cultura – começa do zero na questão da fé religiosa” e assim, ele repropõe a questão da fé. Isto é devido à tradição de fé que foi cultivada e disseminada desde o início do cristianismo até o seu apogeu e glória. Repropor para assim *construir*¹¹ uma fé que seja desenraizada, não da fé em Deus, mas da forma posta e repassada a aqueles que creem. Se foi imposta uma forma do Deus cristão – institucionalizado pela Igreja –, como pode ser dito que as pessoas tiveram sua concepção de Deus oriunda delas mesmas? De fato, a ideia de Deus não nasce somente de nós, duma hora para outra, mas já temos a visão concebida dele e apenas somos inseridos dentro dessa forma de Deus que há e que é repassada da igreja para as pessoas e destas para outras pessoas, perpetuando assim o controle da ideia de Deus unicamente a Igreja Católica por longos períodos, o que garantiu, dentre muitos outros fatores, a sua força no ocidente. A secularização não é uma forma de subtrair a essência de Deus, mas sim torná-lo mais flexível. É afastar, unicamente, o controle religioso sobre o povo e das vias políticas. É colocá-la no seu respectivo local de propaladora dos ensinamentos de Deus, retirando dela o domínio sobre o povo

¹¹ A questão interpretativa que pode ser levantada em relação ao uso da palavra construir ficará a critério de quem possuir uma definição a palavra, pois o uso do construir implica em diversas outras reflexões, p. ex., construir uma fé embasada em quê?

E haverá aqueles que argumentarão que toda a construção de algo é derivada de outro algo, sendo assim, surgirá outra argumentação que possivelmente seja: e como foi construída a primeira noção de fé? De onde ela veio?

num ângulo mais escamoso de controle perene finito. Arquitetar

Uma relação entre a secularização como traço constitutivo da modernidade e a ontologia do debilitamento significa também, além de propor desenvolvimentos significativos da filosofia da história, conferir ao debilitamento e à secularização o significado de um fio contudo crítico, com implicações valorativas; e não porque sejam traços <<objectivos>> do ser em relação aos quais se deva criar um consenso e aos quais nos devemos conformar, como diria uma posição metafísica, ou até uma metafísico- historicista. (VATTIMO, 1998, p. 35).

Com a secularização, de acordo com Vattimo, é que poderemos chegar ao reencontro com uma mensagem – guiando-se por uma das vias interpretativas das Escrituras sagradas – do cristianismo em sua essência que é a *caritas*. A *caritas* para Vattimo é o primordial para o cristão. A secularização “indica o processo de ‘deriva’ que liberta a civilização laica moderna das suas origens sagradas” (1998, p. 32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o pensamento e as ideias propostas por Gianni Vattimo pudemos contemplar uma nova visão acerca da ideia de Deus. Primeiro rompendo com a tradição metafísica e alicerçando o pensamento numa visão direcionada a hermenêutica niilista. O que Vattimo propôs é a superação da metafísica enquanto delimitadora de Deus e detentora de uma única visão possível da ideia de Deus. O possível paradoxo¹² que possivelmente surgido acerca da morte de Deus e seu reavivamento é superado pelo pensamento vattimiano, uma vez que a morte de Deus se limitou apenas na morte de algo que era um fundamento supremo de verdade, mas não de Deus em sua totalidade. Criou-se a partir daí uma característica, por assim dizendo-o, do pensamento vattimiano – com base na obra *Acreditar em Acreditar* – que é justamente a união de ideias aparentemente paradoxais, mas que, no entanto, se complementam e aglutinam-se numa exegese vattimiana.

Vattimo desde o início de sua obra não esconde o caráter personalíssimo da obra,

¹² Para Ferreira (2011, p. 73): “Paradoxalmente, a morte de Deus torna-se condição de possibilidade para retomar melhor a questão de Deus porque o que morre é a rigidez das representações sobre Deus, o que Heidegger, de outra forma, chama de confusão entre ser e ente.”

esclarecendo de antemão de que não se trata de um tratado filosófico. Vattimo propõe-nos a volta do cristianismo sob uma nova ótica, utilizando-se para isso do seu *pensiero debole* e da *kenosis* de Deus. Repropor o cristianismo não porque este estivesse morto, mas devido a sua importância na construção do ocidente com a sua *kenosis de Deus*, encarnação e *caritas* que são marcas que afetaram e guiaram boa parte da história ocidental. Apesar de parecer-nos que Vattimo privilegia, de certa maneira, o cristianismo, o autor contesta alegando que apenas conduz uma análise histórica e que nessa análise histórica a Igreja Católica, o cristianismo e, por último, Deus, representam um elo que liga todo o percurso da história e que sem essas presenças todo o desenvolvimento do Ocidente teria sido completamente diferente.

REFERENCIAS

BALEIRO, Cleber A. S. **VATTIMO**, Gianni. Acreditar em Acreditar. Revista Eletrônica Correlatio, n. 12. Dezembro de 2007.

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERREIRA, Vicente de Paula. Niilismo e cristianismo no pensamento enfraquecido de Gianni Vattimo. Sacrilogens, Juiz de Fora, v.8, n.1, p. 61-74, 2011.

PEREZ, Léa Freitas. Acreditar em Acreditar com Gianni Vattimo. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p.187-215, 2012.

VATTIMO, Gianni. Acreditar em Acreditar. Lisboa: Relógio D'Água Editores, Janeiro de 1998.

_____ ; **CAPUTO**, John D. Después de la muerte de Dios: conversaciones sobre religión, política y cultura. 1.^a edición. España: Paidós, febrero de 2010.